Ano V — Lisboa, Janeiro de 1949 — N.º 45

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O ESCOTISMO E A FORMAÇÃO DO CARÁCTER

É um facto conhecido dos psicólogos infantis que, em geral, as crianças conhecem melhor os pais do que os pais conhecem as crianças.

Efectivamente a vida dos pais, obriga-os a uma dispersão da sua atenção que lhes toma quase todo o tempo, consagrando às crianças uma pequena parcela livre, em que geralmente mais se procuram distrair do que conhecer o que se passa naquele espírito em formação. Por seu lado, as crianças, para quem os pais e os adultos que os cercam constituem quase todo o mundo, passam o tempo a observá-los, a estudar as suas reacções e tirando conclusões tendentes a empregar os melhores meios para que elas satisfaçam os seus desejos. As fraquezas dos pais são conhecidas muito cedo pelos filhos que, ainda em muito pequeninos, já sabem empregar os meios necessários para que aqueles lhes obedeçam. Mais tarde, o sentimento dominante é o da personalidade e esse manifesta-se pelo «querer» e pelo sentimento da responsabilidade.

A criança só se sente «grande», isto é, com personalidade, desde que os outros lhe exijam responsabilidade, o que é a demonstração tácita de que já é uma pessoa com deveres e com direitos.

O grande erro dos «grandes», é pensar que a criança é um «brinquedo» ou uma «coisa» e não uma «pessoa», e quando estas querem manifestar a sua personalidade é frequente responder-se-lhes: «O menino não tem querer» ou «Isto não são coisas para crianças» o que, sendo um erro, as humilha profundamente.

Se porém os «grandes» têm a inteligência para voltar atrás na idade e se adaptarem à forma de raciocínio das crianças, que geralmente parte sempre de uma base justa, quando ainda não estão deformados por uma má educação, que campo vasto de interesse se apresenta à sua observação e como são curiosos os raciocínios, quase sempre mais completos do que se poderia suspeitar!

Se, reconhecido esse desenvolvimento intelectual, se lhes exige uma responsabilidade, com que prazer essa responsabilidade é tomada e com que cuidado ela é exercida! Se a um rapaz de 3 ou 4 anos disserem «fica aqui a tua irmãzinha mais pequena, inteiramente à tua guarda; tens que tomar cuidado nela», na quase totalidade dos casos, verificar-se-á o orgulho do guardião e o cuidado com que desempenha a sua responsabilidade, bem como os comentários que faz quando se liberta dela.

O conhecimento da responsabilidade, como o desejo de bem servir, que é inato nas crianças bem educadas, foi observado e muito bem captado por Baden-Powell e foi daqui que nasceu o Escotismo.

Quem conhecer as reacções dos *lobitos* ou dos adolescentes Escoteiros, verificará como eles subordinam fàcilmente os ditames do seu egoísmo ao prazer do cumprimento do dever, que em muitos casos chega a sobrepor-se ao próprio sentimento instintivo da defesa da vida.

Todos sabem que, desde a Guerra Sul-Africana até às guerras na Europa, e durante os períodos da ocupação, se aproveitou o sentimento do sacrifício pelo dever dos pequenos Escoteiros. Conheço factos, como durante a ocupação da Polónia, em que todos os «grandes» se vêm obrigados a tirar o chapéu com respeito em homenagem à heroicidade e patriotismo dos pequenos.

Se a educação Escotista é a que talvez mais contribui para a formação de um bom cidadão da sua cidade ou de um bom patriota do seu país e ainda de um bom membro da Comunidade internacional, com o

(Conclui na 3.ª página)

DR. FRANCISCO CORTEZ PINTO

O presente número tem 12 páginas e é comemorativo do IV aniversário do início da publicação do «SEMPRE PRONTO».

Anos Bons e Anos Maus

«A velhice vinca-nos mais rugas no espírito do que no rosto» diz-nos uma sentença que Montaigne proferiu e que ao começar, do ano de 1949, queremos apresentar aos nossos leitores e traçar sobre ela umas breves meditações.

A velhice prematura é um mal que vem atacando a nossa geração, cujas causas se devem procurar, não na falência das energias físicas, mas na das actividades mentais, cujos efeitos traçam no indivíduo o mal a que se refere o moralista francês.

Esta carência de forças mentais provém, disso estamos convencidos, do abandono a que se votaram certas qualidades devidamente consagradas pelos antigos, mas às quais hoje não se concede grande apreço, relegando-se como inútil tudo o que não oferecer benefícios imediatos.

Porém, a Sabedoria ensina-nos que sensato é aquele que com dificuldade constrói a sua casa sobre a rocha e o que procura os areais para erguer a sua, dá grandes provas de imprudência. Também a ciência popular, por vezes tão transcendente, diz que «quem em um ano quer ser rico, a meio o enforcam».

Estudando, pois, estes pensamentos, ver-se-á que o êxito fulminante e fácil, sem olhar consequências ou coacções, não é o mais indicado. Seguir uma rota, lenta mas firmemente, é ainda o caminho que melhor pode servir àquele que não tem a Prudência como coisa de somenos importância.

Ao traçarmos o juízo do ano de 1949, sabemos que ele será tão bom quanto nós quisermos. Não há anos bons nem anos maus; há os bem aproveitados e os desperdiçados. Por isso, os vencedores do ano de 1949 serão decerto os que souberem se-

(Conclui na 2.ª página)

O Aniversário do "Sempre Pronto,,

QUATRO ANOS DE SERVIÇO

Quando em Janeiro de 1945 saiu o primeiro número do nosso jornal, quem seria capaz de afirmar, ou sequer prever, que completaríamos quatro anos de publicação e estaríamos hoje a encetar o quinto ano? Ninguém, nem nós mesmos! Eram tamanhas as dificuldades, tão pouco oportuno o momento, que a nossa iniciativa era por todos considerada como sujeita a uma vida efémera.

Todavia, o trabalho tem prosseguido. É certo que as dificuldades não cessaram. Vencidas umas, logo outras surgem criadas por circunstâncias alheias à nossa competência, mas que temos de encarar e resolver para que a publicação possa continuar com regularidade. E ainda bem que assim é, porque as dificuldades despertam interesse, criam amor pela obra, e só temos motivo para nos congratularmos por ter sido possível chegar até aqui, com os próprios recursos do jornal, salvo o financiamento inicial do Grupo 94, a quem cabe a honra de ter fundado o «*Sempre Pronto*».

O último ano teve a assinalá-lo um facto esperançoso para todo o Movimento Escotista. Os Escoteiros de Portugal elegeram um novo Presidente, que escolheu nova Direcção, e foi assumida a atitude simpática de dar ao «*Sempre Pronto*» reconhecimento oficial como órgão escotista, situação tanto mais honrosa para ambas as partes, quando é certo que o nosso jornal mantém a orientação traçada desde o primeiro número, e é o próprio Dirigente que nessa altura preside ao Movimento que nos vem recomendar que não deixemos de exercer uma posição de crítica independente e construtiva, que reputa vantajosa para o trabalho associativo.

Talvez não merecesse tanto relevo a comemoração deste quarto aniversário, porém, julgamos ser nosso dever vir aqui afirmar que o êxito do nosso jornal se deve ùnicamente ao magnífico espírito de colaboração e interesse evidenciado por muitos—a maioria—dirigentes escotistas e escoteiros, antigos escoteiros e amigos do Escotismo, que têm estado presentes em todas as dificuldades e em todos os sucessos. Para tantos amigos que temos tido a felicidade de reunir em nosso redor vão as nossas homenagem sinceras.

Aos restantes, àqueles que não cooperam, lembramos que se o «*Sempre Pronto*» tem conseguido, sem o seu auxílio, oferecer ao Movimento um órgão de imprensa cuja falta tanto se notava há quatro anos, esse órgão poderia ser mais eficiente se todos os dirigentes e escoteiros cumprissem o seu dever—e notai que dizemos dever—colaborando, assinando, lendo e propagando o seu jornal. É sempre oportunidade de rectificar atitudes erradas e o «*Sempre Pronto*» continua aberto a todos e, neste início do quinto ano de publicação, desejamos reafirmar o nosso propósito de tudo fazer para bem servir a juventude portuguesa e o Escotismo.

A todos os nossos amigos, assinantes, leitores e colaboradores, ao Gerente e pessoal da empresa gráfica que imprime o jornal, aos nossos agentes e correspondentes, apresentamos sinceros agradecimentos pela colaboração leal que nos têm dispensado, ao mesmo tempo que desejamos saudar os nossos colegas de imprensa, tanto diária como periódica, com iguais agradecimentos pela maneira simpática como têm acolhido o «*Sempre Pronto*».

Anos Bons e Anos Maus

(Conclusão da 1.ª página)

guir o seu plano, sem desânimos nem desfalecimentos, aqueles que com Confiança, Persistência, Bondade, Previdência, Optimismo e Actividade, conseguem pulverizar as maiores dificuldades.

Marden compara o pessimista a uma carruagem sem molas, que dá solavancos à menor pedra do caminho. E completa o pensamento, dizendo: «Pelo contrário, o optimista lembra uma carruagem com boas molas, que atravessa impunemente os piores caminhos, balouçando-se apenas agradàvelmente».

Não tenhamos dúvida sobre o caminho a seguir em 1949: só o que nos é apontado pela Boa-Vontade e pela Harmonia entre todos os homens nos convirá percorrer.

Sabemos que há poderosas forças do mal, cuja grandeza poderá impressionar os mais desprevenidos, forças que têm o Ódio como arma e a Vingança e Ambição como objectivos. Fujamos delas, pois são como o cadáver que, sendo verme, destrói-se a si próprio. E que de Paz seja este jovem 1949 e que traga à Humanidade novas perspectivas de bom entendimento e fraternidade entre os homens.

A todos os nossos amigos, desejamos um ano repleto de bênçãos e de incontáveis felicidades.

J. R.

Podes ser Escoteiro!

O NÓ DA BOA ACÇÃO

Ficaste pensando, após a leitura do último número, no que seria o «Nó da B. A.». Pois eu vou explicar-te:

Recordas-te de te ter dito que o Escoteiro é um moderno cavaleiro? É necessário que não percas isto de memória. O Escoteiro não é mais um rapaz vulgar, sem utilidade, só sabendo fazer travessuras Não, o Escoteiro é um rapaz de valor, sempre pronto a ajudar os mais fracos. Tal como os antigos cavaleiros ele iniciou a sua carreira prestando um Compromisso de Honra. Estendeu a mão sobre a bandeira da sua Pátria e afirmou solenemente:

Prometo por minha honra fazer todo o possível por:
Amar e servir fielmente a Deus e a minha Pátria;
Auxiliar o próximo em todas as circunstâncias;
Obedecer à Lei do Escoteiro.

O Escoteiro esforça-se constantemente por cumprir à sua Promessa. Os antigos cavaleiros corriam mundo para defender e auxiliar os fracos, os modernos cavaleiros—os Escoteiros—não perdem igualmente oportunidade de fazer a sua B. A.

Logo de manhã, se envergam o uniforme, na ponta do seu lenço fazem um nó, *o nó da boa acção.* Se se não fardam, fazem o nó no lenço de assoar ou na ponta da gravata. Este nó serve para recordar a obrigação de fazer diàriamente pelo menos uma B. A. Logo que a B. A. é feita, o Escoteiro desata o nó.

Todos os Aspirantes devem começar já a praticar a boa acção. E as obrigações do Escoteiro começam em casa. Fazei como o Manuel Luís que me voltou a escrever dizendo que já começou a fazer B. A.! A Mãe dele esteve doente e o Manuel Luís foi um valente, fazendo lá em casa todos os trabalhos que lhe foram possíveis. Muito bem, assim serás um verdadeiro Escoteiro!

* * *

No próximo número falaremos dos sinais de pista. Como esses sinais são só do conhecimento dos Escoteiros, não os publicaremos, mas estaremos prontos a mandá-los a todos os aspirantes-escoteiros que no-los pedirem, desde que nos mandem uma estampilha de 1$00 para a resposta.

VELHO LOBO LUSITANO

O "SEMPRE PRONTO,,
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO
Rua do 1.º de Dezembro
(frente à Estação do Rossio)

UM PROGRAMA URGENTE

A questão dos seniores é assunto que merece continuar a ser estudado e aprofundado, porém, tudo o que à organização técnica do nosso Movimento disser respeito é matéria que deve ser versada, porquanto, andamos muito afastados daquelas bases elementares que fizeram o êxito do Escotismo, julgando por isso de maior vantagem focar a organização em geral, para melhor se poder depois evidenciar o problema dos seniores.

Nada se ganha em ocultar a verdade, porque se corre o risco de nos iludirmos a nós próprios e acabar por nos convencermos de que estamos em bom caminho. E, note-se, quando falamos em *técnica* não damos a este termo o significado de coisa transcendente, só do conhecimento de alguns privilegiados. Porque entende-se por técnica aquilo *que é o próprio de uma arte* ou o *conjunto dos processos respeitantes a uma arte ou ciência.* No nosso caso, portanto, a técnica escotista será o processo, a maneira, o modo como deve ser dirigido um grupo de escoteiros e o conhecimento das matérias que constituem as provas de classe que o escoteiro deve prestar. Coisa fácil afinal e o erro tem sido complicar o que é simples, intelectualizar o que é técnico, instruir teòricamente o que se deveria ensinar a executar. O escoteiro deve ser capaz de fazer, de agir, de realizar, muito embora não esteja habilitado a fazer tese. É preciso que saiba escolher a lenha e fazer a fogueira, muito embora não possa perorar sobre *as energias caloríferas das madeiras.* É necessário que possa estancar uma hemorragia, ainda que não saiba discursar acerca da classificação das hemorragias.

Os nossos grupos de escoteiros —salvo honrosas e muito raras excepções—funcionam uns em sistema de escola, de sala de aulas; outros à maneira de núcleo campista, absolutamente alheados do **«grande jogo»**, método escotista. Aos chefes, não se lhes pode assacar toda a culpa, porquanto, não só as actividades de conjunto enfermam do mesmo erro, como as provas de classe estão antiquadas, esquecidas e existem apenas em publicações esgotadas. Não há nada regulamentado sobre insígnias de aptidão, alguns dirigentes foram guindados aos seus cargos por mera força das circunstâncias, ignorando tudo ao que ao exercício do seu cargo é imprescindível, obrigados a um esforço de adaptação louvável, mas nem sempre eficiente.

Parece-nos, portanto, que nesta fase de reorganização do Movimento, se deve ter como principal e primeira preocupação o problema técnico, o que não vai em prejuízo do trabalho administrativo, visto que para cada tarefa há os seus dirigentes próprios. Sabemos que o assunto está no espírito nos dirigentes superiores da A. E. P., a quem não escasseia competência para o resolver, mas notamos hesitação em encarar o problema de frente. Por isso o quisemos chamar às nossas colunas, não só para solicitar para ele uma atenção mais urgente, mas principalmente para criar nos meios escotistas um ambiente acolhedor das reformas necessárias e o desejo de uma colaboração convergente no sentido de reintegrar o trabalho dos grupos e das regiões na técnica escotista, retirando a este termo toda a roupagem que lhe possa emprestar aspecto de coisa complicada.

Confessemos que o trabalho a realizar não é ligeiro e reconheçamos ser mais fácil escrever acerca do caso do que lhe dar solução. Olhando verticalmente o programa preciso, verificamos que ele é vasto:

a) *Estudo e regulamentação das provas de classe;*

b) *Estudo, adaptação às características da vida nacional e regulamentação das insígnias de aptidão;*

c) *Estudo e adaptação às tradições nacionais do cerimonial escotista;*

d) *Organização de campos-escolas de Chefes.*

O programa será difícil de realizar em bloco, mas urge começar a executá-lo, para que o Escotismo Nacional possa servir com eficiência a missão preciosa da educação da juventude que acorre às suas fileiras.

Se o tempo nos não faltar e o espaço nos permitir procuraremos continuar no estudo desta matéria, focando de maneira particular o trabalho do chefe do grupo.

E. R.

O 15.º Aniversário do Grupo n.º 53

Conforme noticiámos, este Grupo efectuou no dia 1 de Dezembro findo, diversas comemorações do 15.º aniversário da sua fundação. De manhã, no Templo da Igreja Evangélica Lusitana de S. Paulo, realizou um culto de acção de graças, no qual o Rev. Sr. Pinto Ribeiro evocou a vida de José do Egipto apontando-o como um modelo da vida e atitudes do escoteiro.

De tarde, na sua sede, efectuou-se uma sessão solene a que presidiu o Sr. Eng.º Brotas Cardoso, Chefe Geral dos Escoteiros de Portugal.

Foi lido pelo Chefe Administrativo, Sr. Mário Rocha Santos, o relatório das actividades do último ano, pelo qual se pode verificar a intensa actividade do 53: 14 acampamentos com 35 noites de campo, 2 festas, chás de confraternização, 1 exposição de trabalhos e fotografias, 2 B. A. colectivas, 2 campeonatos desportivos, 2 festas artísticas e muitas outras actividades,

O Chefe do Grupo interino, Sr. José Ferreira, leu a ordem de serviço n.º 182, que concedeu estrelas de serviço aos escoteiros Chefe Armando Lino, José Ferreira, Adelino Cunha, Rui Cunha, Samuel Vieira, José Sequeira, José Trindade, Mário Rocha Santos, José Maria Antunes, Júlio Cunha, Rogélio e Carlos Sestelo, João Carlos Mamede, Manuel Vasques Menau, Armando Silva e Joaquim Ribeiro. Foram também louvadas as patrulhas seniores «Viriato» e «Infante D. Henrique» pelo proficiente trabalho dos seus escoteiros, em particular dos seus Guias Samuel Vieira e Rui Cunha.

O Rev. Sr. Eduardo Moreira, usou então da palavra e, após ter apresentado os seus cumprimentos de felicitações ao 53, reportou-se ao significado da Restauração de Portugal e definiu, de maneira clara, o significado e valor do sentimento patriótico, afirmando que o amor da Pátria não se opõe ao respeito pelas outras nações. Analisou depois diversos aspectos característicos da personalidade de D. João IV, terminando muito ovacionado pela assistência.

Falaram ainda os Srs. Drs. Leopoldo Figueiredo, Rev. Pinto Ribeiro, José Ferreira, Chefe interino do Grupo; e Eng.º Brotas Cardoso, que manifestou a sua satisfação pelo trabalho do 53 e fez votos pelo pronto restabelecimento do Chefe Armando Lino, que se encontrava presente.

* * *

No Domingo, dia 4, o Grupo 53 ofereceu um almoço a 20 velhinhos seus amigos.

O Escotismo e a formação do carácter

(Conclusão da 1.ª página)

sentimento do que deve fazer em relação aos outros, não é menos interessante o reflexo desta educação na vida e disciplina familiares. Podemos afirmar que os pais que mandam os seus filhos inscrever-se como lobitos dão-lhes assim a primeira formação moral e social, e contribuem para o reconhecimento do cumprimento do seu dever perante a autoridade da família, disciplinando-os.

Conheço muitos exemplos de pais que se desregraram e para quem o filho, Escoteiro, não só constitui o esteio da família, mas ainda consegue muitas vezes trazê-los ao bom caminho, não só pelo exemplo dado, como ainda por lhes apresentar como argumento principal a rigidez com que encara os bons princípios da educação, e como se preparam fisicamente para vencerem na vida.

Bem hajam pois todos aqueles que, com prejuízo das horas de prazer livres que as suas profissões lhes deixam, se consagram à educação das modernas gerações e auxiliam os Escoteiros. E no momento de perturbação mundial que atravessamos, os Escoteiros podem-se considerar como dos melhores obreiros da campanha do bom entendimento entre os homens e entre as nações.

D. Francisco Cortez Pinto
Antigo Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal
Presidente do Tribunal de Honra dos E. P.

«Para considerarmos o Escotismo acima de tudo, temos de pôr muita coisa acima do Escotismo»

A Lei do Escoteiro, com os seus dez artigos, abrange amplamente todas as normas precisas à formação de um bom carácter e ao estabelecimento da paz e tranquilidade na consciência. Assim, ela não colide com nenhuma religião, pois nenhuma religião há que nos ensine a praticar o mal ou a odiar a Deus.

Na convicção pura e simples da existência de um só Deus restam-nos as diferentes formas de O amar, e amá-Lo «de qualquer modo», mas não «de um modo qualquer», é dever do Escoteiro consequente do seu Compromisso de Honra. O mesmo Compromisso engloba também a Pátria e, embora não muito directamente, a Família; mas Deus, Pátria e Família são três palavras que não podem vaguear e muito menos vaguear sòzinhas, são três ideais que têm de ser postos em prática conjuntamente; a existência de um deles implica automàticamente a existência dos outros dois. Seguir um só é impossível pois a palavra Deus diz-nos que devemos amar a nossa Pátria e a nossa Família. Como poderíamos então amar a Deus sem amar o que Ele nos pede que amemos?

A prática do Escotismo exige principalmente força de vontade, auto-domínio, altruísmo, generosidade e sacrifício, e pede, ao mesmo tempo, ao Escoteiro a dedicação a certos trabalhos para os quais necessàriamente tem de dispor de horas livres. Para isto o Escoteiro pode prescindir das suas horas de recreio para as entregar, todas ou em parte, ao Escotismo, mas não deve nunca prejudicar os seus deveres religiosos, de cidadão e de membro de família, porque se assim o fizer sai imediatamente do caminho a seguir que o próprio Escotismo lhe indica. Que os Dirigentes tenham bem presente este ponto que tão delicado é.

O Escoteiro, especialmente quando é novo, tem uma certa tendência para exagerar a sua dedicação ao Movimento. Aquilo que até a um certo limite se pode chamar entusiasmo, dedicação ou assiduidade, pode tornar-se, quando ultrapassado o tal limite, em fanatismo ou até mesmo vício. O Escoteiro que para praticar Escotismo em demasia prejudica qualquer dos três ideais citados deixa de ser Escoteiro e de fazer Escotismo, mesmo que se apresente muito bem fardado; aqui tem bom lugar a frase: «Não é a farda que faz o Escoteiro mas aquilo que ele faz».

Na minha vida Escotista tive ocasião de presenciar certos casos, poucos felizmente, que bem justificam as minhas palavras. Era um Escoteiro, estudante de profissão, que frequentava a sede com exagerada assiduidade, demorando-se nela até altas horas e prejudicando os seus estudos ou era um outro que, procedendo da mesma forma, faltava a outros deveres. Estas práticas, além do defeito já apontado, tornam-se numa péssima propaganda para o Escotismo. Os pais queixam-se que seus filhos perdem a cabeça com o Escotismo e muitas vezes acusam o Chefe de não lhes refrear as suas demasiadas assiduidades. Certo é que está na mão do Chefe, até certo ponto, o regulamentar e normalizar a frequência do Escoteiro à sua sede e não exorbitar no que se refere a exercícios, reuniões, acampamentos, etc., mas certo é também que a autoridade dos pais não desaparece quando seus filhos ingressam no Escotismo. Impõe-se neste particular um íntimo entendimento entre os pais dos rapazes e os Chefes de Grupo, até mesmo porque em certos casos, muitíssimo deploráveis e praticados por pseudo-Escoteiros, o Escotismo passa a «ter costas muito largas».

O Escoteiro tem de cumprir em tudo e a sua consciência deve ser o seu diário onde fica escrito como e onde aplicou o seu tempo. Não se deve desculpar com o Escotismo perante uma falta a Deus ou culpar a Família por não ter cumprido com a Pátria. Todos estes ideais constituem um todo; faltar a um é faltar a esse todo.

Há tempo para tudo e tudo tem o seu tempo. Em tudo devemos ter presente as três palavras, «Deus, Pátria e Família» e em tudo devemos agir sempre como verdadeiros Escoteiros, mas não nos esqueçamos de que «para considerarmos o Escotismo acima de tudo, temos de pôr muita coisa acima do Escotismo».

ENG.º JORGE BROTAS CARDOSO

ESCOTEIRO-CHEFE GERAL

Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça: repreende o sábio, e amar-te-á.

PROVÉRBIO DE SALOÃMO

III Exposição Fotográfica de Campismo

Organizada pela Secção de Campismo e Ciclo-Turismo do Ateneu Comercial de Lisboa e promovida com inteiro aplauso e entusiástico patrocínio desta conhecida colectividade cultural, vai realizar-se nos seus salões, na segunda quinzena deste mês, a III Exposição Fotográfica de Campismo, curiosa iniciativa que, nos anos anteriores, tem logrado alcançar grande e justificado êxito.

Está a Secção de Campismo do Ateneu sinceramente interessada em que este valioso certame decorra com o maior brilhantismo e no meio da mais entusiástica confraternização campista. Estuda, pois, todos os seus mais pequenos pormenores com o intuito de que o bom gosto e o cuidado dos Campistas, constitua uma bela jornada a glorificar o encerramento de uma época em que o Campismo, mercê dos maiores esforços, alcançou o lugar de destaque a que tem justo direito, quer pelo seu espírito educativo e cultural, e, ainda, por ser o mais benéfico tónico para a saúde, o que o torna digno da admiração de todos os que ao bem da humanidade dedicam os seus melhores esforços.

Conta, por isso, aquela Secção, com o apoio de todos os campistas, que, desde já irão escolhendo e preparando as suas belas fotografias, que um competente júri classificará, concedendo interessantes prémios.

O regulamento da Exposição poderá ser adquirido na Secretaria do Ateneu, em qualquer dia útil, das 10 às 13, das 15 às 18 e das 21 às 0 horas.

O Grupo Desportivo dos Tabacos comemorou o seu 9.º aniversário

Dos passados dias 11 a 29 de Dezembro, o popular Grupo Desportivo dos Tabacos levou a efeito as festas comemorativas do 9.º aniversário, realizando saraus desportivos, festas recreativas e três sessões solenes, presididas por destacadas personalidades, tais como: o Sr. Governador Civil do Distrito, representantes da Câmara Municipal de Lisboa, da Junta de Freguesia de Monte Pedral, da A. E. P., etc.

A Sessão do dia 15

Na presença de numeroso público e escoteiros, realizou-se no ginásio daquela colectividade uma sessão solene presidida pelo Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral, secretariado pelos senhores, Flores Monteiro, Augusto Zagalo Pestana, Carlos Alberto, Virgílio João Rodrigues e Joaquim Capela.

O Presidente da Direcção do Grupo Desportivo dos Tabacos abriu a sessão e apresentou o Sr. Eng.º Brotas Cardoso que de improviso, fez uma interessante e prolongada palestra sobre o Movimento Escotista e o Jamboree da Paz.

O nosso Escoteiro-Chefe Geral deu à assistência uma verdadeira lição sobre a utilidade das práticas escotistas, fundação do Movimento, suas finalidades religiosas e patrióticas, finalizando por agradecer à Direcção da casa o carinho como tem tratado o Grupo n.º 5, no seu dizer, um dos melhores agrupamentos de escoteiros na actividade.

Esta dissertação mereceu, por parte da assistência, fartos aplausos.

De seguida, foi inaugurada a Biblioteca da colectividade, bem como um acampamento-modelo, feito pelos rapazes do «5», e uma exposição fotográfica das actividades das diversas secções do Grupo.

Compareceram fardados escoteiros dos Grupos n.os 2, 9, 53, 79 e 94, além dos da casa.

CARLOS FERNANDO GARCIA

Caro Leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO?

Propaga-o entre os teus amigos.

O 36.º Aniversário do 2.º Grupo

No passado dia 30 de Novembro realizou-se no Campolide Atlético Clube, uma festa comemorativa deste aniversário, que teve grande assistência.

Foi apresentada a comédia em um acto «O Capitão de Lanceiros» desempenhada pelos escoteiros:

Eduardo de Melo Luís.. *Aleixo*
Manuel dos Santos.... *Cap. de Lanceiros*
José Pereira Adrião ... *Criado*
Fernando Soares Dantas *Faustino das Neves*

Merece os parabéns o Grupo 2 pela iniciativa de fazer apresentar por escoteiros uma peça dramática, actividade interessante e assás educativa; e o fraco êxito deste primeiro desempenho só aconselha que o «2» prossiga com perseverança nos ensaios, a fim de em breve nos oferecer novos trabalhos. Merece, no entanto, referência especial o trabalho do Escoteiro José Pereira Adrião que soube interpretar com graça o papel de «criado». Estamos certos de que se o Adrião e os seus três companheiros prosseguirem, podem em breve alcançar o necessário domínio do palco. A peça viu-se com prazer e só foi pena que o acto de variedades não tivesse sido também desempenhado por escoteiros.

Após esta primeira parte efectuou-se uma sessão solene. Presidiu o E. C. D. Sr. Luís Grau Tovar de Lemos, que durante quase 20 anos chefiou o Grupo n.º 2, tendo convidado para o secretariarem os Srs. Rev. Padre Léopold de Saint Palais d'Aussac, em representação do 1.º Grupo de Lisboa dos *Scouts de France;* António de Mira Calhau, Chefe Regional; um representante da Direcção da Colectividade que cedeu gentilmente a sala; e Eduardo Ribeiro, Director do nosso jornal.

O Chefe Administrativo leu a Ordem de Serviço e o Guia de Secção o relatório de actividades, após o Chefe do Grupo Sr. Álvaro Rodrigues ter pronunciado breves palavras acerca da data que se comemorava.

A distribuição de insígnias e recompensas foi uma prova de que o Grupo está numa fase de trabalho e actividade, pelo que os seus escoteiros e dirigentes só merecem louvores.

Receberam insígnias de 2.ª classe os escoteiros Fernando Soares Dantas e António de Almeida Galapito e de 1.ª classe o escoteiro Justino Estêvão da Silva, tendo o primeiro passado da Divisão Júnior à Sénior.

A patrulha «Leão» e o Escoteiro António Galapito receberam prémios por terem sido os vencedores, respectivamente, por patrulhas e individualmente de um Concurso recentemente realizado.

Foram distribuídos, como recompensa, laços aos escoteiros António Galapito, Eduardo de Melo Luís e Narciso Faria, que propuseram 5 sócios auxiliares cada, e Fernando Natividade que propôs 10.

O escoteiro Justino Silva recebeu as insígnias de campista e apicultor e, finalmente, prestaram Compromisso de Honra seis novos escoteiros juniores: Manuel dos Santos, Octávio e José de Jesus Teixeira, Ernesto Alves, Narciso Martins Faria e Fernando Centeno. O Compromisso foi-lhes tomado pelo Chefe Sr. Tovar de Lemos que evocou o significado do acto e lhes apontou o exemplo de muitas dezenas de escoteiros que têm honrado as fileiras do «2», alguns dos quais se encontravam presentes.

Durante esta cerimónia entraram na sala os Srs. Eng.º Jorge Jardim, Subsecretário do Comércio e Indústria; Eng.º Brotas Cardoso, presidente interino dos Escoteiros de Portugal, Castro Paiva, Secretário Geral, e o Secretário das Relações Exteriores, que se faziam acompanhar do Rev. Abade Guinchary, capelão geral da Ligue Maritime Coloniale de France, de escoteiros finlandeses que se encontravam no Tejo de passagem, e Garnier, Chefe do 1.º Grupo de Lisboa dos *Scouts de France.*

O Grupo 2 apresentou, em encerramento, um simulacro de *fogo de conselho* e a festa terminou com o Hino Nacional cantado por todos os escoteiros presentes.

* * *

No dia 1 à noite o Grupo 2 efectuou na sede central um chá de confraternização e no Domingo, dia 4, uma missa por intenção dos seus antigos escoteiros.

A Voz do Chefe



O eterno assunto dos calções curtos

Durante a guerra manifestou-se certa negligência em algumas Associações Escoteiras no que respeita aos calções curtos, que sugere uma possível queda de Espírito Escotista das mesmas.

Seria um estudo interessante tratar de averiguar a razão pela qual cada rapaz, que é escoteiro actualmente, ingressou no Escotismo. Também seria interessante conhecer os motivos pelos quais os antigos escoteiros abandonaram o Escotismo.

O mais longe que me levaram as investigações que iniciei por minha própria conta, permitiu-me supor, em duas palavras, o seguinte: — o desejo de aventuras fizeram com que os rapazes ingressassem, a falta de aventuras afastou-os.

Por «falta de aventuras» quero dizer demasiada instrução militar e demasiado método escolar e muito poucas actividades, vida ao ar livre, excursões e acampamentos, com a consequente ausência de Espírito Escoteiro.

São sinais disso as sugestões que de tempos a tempos nos fazem para que mudemos o chapéu escoteiro, o abandono do bastão e a substituição dos calções curtos pelas calças compridas ou calção de montar.

Os rapazes, originalmente, ingressam no Movimento Escoteiro de olhos abertos, sabendo que os calções curtos são parte do uniforme que eles têm de usar, de tal maneira que, quando existe alguma tendência a levantar-lhes, isso proporciona ao Chefe Escoteiro uma tão boa oportunidade para dar uma lição, que será de muita utilidade para a geração que se forma, especialmente sobre o facto de faltar à palavra dada e não reconhecer o que de facto aprovam ao ingressar; um homem mantém a sua palavra ainda que isso lhe acarrete dificuldades.

Na realidade, quando os rapazes maiores se queixam de que os calções curtos são «próprios para os meninos», estão dando uma boa demonstração de que a sua educação escoteira escassamente foi o que seria para desejar.

A resposta material pode ser dada desde logo, no sentido de que os nossos atletas, futebolistas e remadores usam calções curtos, o mesmo sucede com a infantaria ligeira, aviadores, etc.

Porém, é o espírito da questão que constitui a razão mais importante, e sem embargo, em todo o caso, nós não perdemos muitos rapazes por isso e, na realidade, não perdemos nenhum que seja um verdadeiro escoteiro.

Junho de 1917

BADEN-POWELL

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Nascimentos—Em 22 de Dezembro passado, o lar do nosso estimado amigo Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, Subsecretário do Comércio e Indústria, e de sua Esposa, Sr.ª D. Maria Teresa Monteiro de Sousa Pereira Jardim, foi *enriquecido* com um interessante bébé, a quem desejamos as maiores venturas, apresentando os nossos parabéns aos felizes pais.

● O nosso irmão-escoteiro, membro do Grupo 94, Sr. Joaquim Furtado Faia e sua Esposa Sr.ª D. Maria Luísa Moreira Faia encontram-se de parabéns pelo nascimento do seu primeiro filho, o Fernando Virgílio, a quem desejamos muitas felicidades. Foram seus padrinhos o nosso camarada Capitolino F. Macedo e sua Esposa, Sr.ª D. Maria Manuela Macedo.

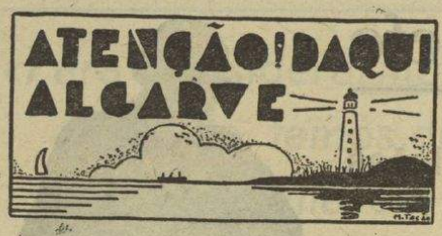
Casamentos— Em Madrid, no dia 23 de Dezembro findo, consorciou-se a Sr.ª D. Nuria E. Cabañes Medrano, com o nosso estimado amigo e irmão-escoteiro Sr. José Forasté Oliver, a quem abraçamos, desejando aos noivos muitas venturas e felicidades.

● No dia 28 de Novembro último, a Sr.ª D. Ana Cecília Lopes Trigueiro consorciou-se com o nosso estimado irmão-escoteiro Manuel de Assunção Cabral, Guia da Patrulha «Nuno Álvares Pereira» do Grupo 9. Aos noivos deseja o «*Sempre Pronto*» as maiores felicidades.

● Em 23 de Dezembro p. p. consorciou-se o nosso amigo E. S. Eduardo Rolão, membro do Grupo 94, com a Sr.ª D. Fernanda Olívia da Silva. Aos noivos o «*Sempre Pronto*» endereça os melhores votos de mil felicidades.

Doentes—O nosso estimado amigo e irmão-escuta, Sr. Francisco Gonçalves, foi vítima de um atropelamento em 4 de Dezembro findo, tendo fracturado uma perna. Tem estado internado no Hospital do O. T. de S. Francisco, onde foi operado, tendo regressado recentemente a sua casa quase restabelecido.

Congratulamo-nos com as melhoras alcançadas e fazemos votos de um completo restabelecimento.



Grupo n.º 6 — Olhão

Por tradição, o Grupo n.º 6 comemora o feito glorioso de 1 de Dezembro de 1640.

Tendo sido determinado superiormente que, nesta vila, as comemorações oficiais ficassem a cargo da Mocidade Portuguesa, o Grupo 6 resolveu instalar um acampamento e, na intimidade, realizar as cerimónias e manifestações próprias da data.

Uma delegação representou-o nas festas oficiais, finda as quais recolheu ao acampamento, onde os dirigentes receberam as entidades oficiais e outras de representação no nosso meio social, prèviamente convidadas.

Compareceu uma delegação da Mocidade Portuguesa.

Perante o Grupo e o Departamento da D. A. F., em formatura, foram içadas as bandeiras Nacional, do Grupo, e o galhardete dos antigos «Scouteiros» de Olhão, colectividade escoteira que existiu nesta vila muito antes de ter sido organizado o escotismo associativo em Portugal.

A elevação das bandeiras foi feita, respectivamente pelo Sr. Comandante da Marinha de Guerra, Henrique da Fonseca, Dr. Fausto Pinheiro, Presidente da Câmara Municipal e Dr. Manuel Guita, Sub-delegado da M. P., que foi um dos componentes dos «Scouteiros» de Olhão.

Seguidamente, o Chefe da Região Sul da A. E. P. agradeceu a comparência de tantas figuras ilustres da terra e fez uma alocução patriótica especialmente dirigida aos escoteiros e escoteiras.

Efectuou-se depois a distribuição de estrelas de antiguidade, insígnias de capacidade, «segundas classes», um cordão de mérito, e, ainda, a entrega de uma taça, galhardetes e fitas, prémios do recente concurso inter-patrulhas privativo do Grupo.

Realizou-se o Compromisso de Honra de aspirantes juniores e a Promessa de Lobitos, cerimónias que sensibilizaram os assistentes.

A festa terminou com os hinos da A. E. P. e Nacional, cantados pelos escoteiros e escoteiras.

Na ausência, por doença, do Chefe do Grupo, dirigiu a cerimónia do C. H. o instrutor Sr. Francisco Pina, que foi nomeado Chefe do Acampamento.

Depois do almoço e do repouso obrigatório, os escoteiros entretiveram-se com jogos de campo que muito interessaram os numerosos visitantes que, também, muito apreciaram as ornamentações das barracas de patrulha e a exposição bibliográfica, fotográfica e de trabalhos manuais.—C.

□ □

Grupo n.º 77—Faro

Em 15 de Dezembro, o Grupo n.º 77 dos Escoteiros de Portugal, com sede na cidade de Faro, recebeu a visita do Sr. Chefe Regional, que era acompanhado pelo Instrutor do Grupo n.º 6, Sr. Francisco do Nascimento Pina, e por 4 escoteiros Seniores do mesmo Grupo.

Após os cumprimentos de boas vindas, reuniu-se todo o Grupo 77, tendo o Chefe Trigueiros feito uso da palavra e incitado os componentes do 77 a acompanharem os seus Chefes, a fim de elevarem o escotismo farense.

Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

Passeio ao sítio do «Quarto»

Em 21 de Novembro findo teve lugar um passeio ao sítio do «Quarto», concelho de Castro Marim, em que tomaram parte elementos do 60 e da D. A. F. Dada a distância do local, efectuou-se a deslocação em carro e bicicletas, constituindo-se animada caravana que ia deixando vincada a sua alegria e juventude nos locais de passagem.

Bivacámos em terreno gentilmente cedido pelo seu proprietário que, com gentileza ainda maior, surgiu na hora do almoço acompanhado de um grande cabaz de laranjas, as «laranjas do Quarto», famosas em toda a região. Dentro em pouco, por efeito de contágio, ou transmissão de pensamento, de um caseiro dos arredores chegou nova oferta, ainda mais volumosa.

Comeram-se muitas laranjas e tangerinas, mas não foi esquecido o objectivo do passeio. Pouco depois do almoço formaram-se equipas de transmissão que seguiram para os pontos mais elevados, para treino e aperfeiçoamento de morse e homógrafo. Praticou-se depois na condução de «feridos», utilizando os processos já conhecidos, e em macas e ligaduras.

O regresso, às 17 horas, quando o sol já declinava bastante, teve a mesma nota de animação.

Jornada de propaganda escotista

De há meses a chefia do 60 alimentava a ideia de uma jornada de propaganda escotista nesta Vila que, para mostrar a finalidade do escotismo e o entusiasmo que à sua volta reina em todo o Algarve, aqui trouxesse todos os Grupos da Região. Essa jornada efectuou-se, finalmente, em 19 de Dezembro e conseguiram-se plenamente os fins desejados.

O 60 e a D. A. F. dirigiram-se às 9 horas para a estação do Caminho de Ferro. Dentro de momentos chegava o «correio» e com ele as delegações dos Grupos convidados que, talvez com um bocadito de sacrifício material, mas com o entusiasmo e boa vontade de sempre, vinham prestar-nos a sua valiosa colaboração. O 6, o Grupo do momento, e a sua D. A. F., estavam presentes, quase completos. O 59 e o 77, lutando com mais dificuldades, representaram-se com menos efectivo.

Grupos formados, caixa rufando à frente, e eis-nos a caminho da sede. Cortando para a Avenida e passando frente à Câmara Municipal, em saudação à Bandeira, na qual chegamos dentro em pouco. Às 10 horas em ponto saímos todos de passeio para os locais mais interessantes de Vila Real de Santo António. No farol, cujo chefe e empregados foram de grande amabilidade, revezaram-se os turnos para subir, a apreciar uma das bonitas paisagens do Algarve.

Cerca das 12 horas regressámos à Sede e, Grupos formados, tivemos o prazer de cumprimentar o Sr. João Trigueiros, ilustre Delegado da A. E. P., que vinha assistir às festas do 60.

Seguiu-se o almoço, próximo do Farol, em terreno arborizado e limpo. O dia estava esplêndido, fresco, como é da época, mas sem frio excessivo.

Às 14,30, novamente o rufar da caixa se faz ouvir. Os Grupos desfilaram pelas ruas principais da terra até à Sede do Glória Futebol Clube, muito amàvelmente cedida pela sua Direcção.

Às 15,30, aproximadamente, as filiadas da D. A. F. local iniciaram a representação do episódio escotista «Quero ser Escoteira», número «fabricado» para a sessão e que estava destinado a obter mais... ou menos sucesso. Nervosas, pisando o palco pela primeira vez, as nossas «dafistas» desempenharam o melhor possível o seu papel, agradando e prendendo a atenção do público que enchia literalmente a Sala. Seguiu-se pequena e protocolar sessão em que o Chefe interino do 60 usou da palavra em nome do seu Grupo, agradecendo a comparência de todos os presentes e demonstrou, à sua maneira, as razões que ao Escotismo assistiam para singrar sem tropeços na sua rota. Falou a seguir o Sr. Trigueiros. Agradeceu em nome da A. E. P. a comparência do Sr. Sub-Delegado Regional da M. P., que presidia, e se dignara aceitar o convite para assistir à festa. E não tentaremos reproduzir, ou sintetizar sequer, a palestra então proferida pelo Sr. Delegado da A. E. P. no Algarve. Através dela ficou-se sabendo (quem o não sabia) *o que era* e *o que valia* o Escotismo. Falta-nos habilidade para reproduzir o que pelo Sr. João Trigueiros foi dito. Integralmente publicada, muito gostaríamos de ler no «*Sempre Pronto*» aquela lição magistral.

A encerrar a sessão usou da palavra o Sr. Sub-Delegado da M. P., que prestou justiça às qualidades que via no Escotismo quando praticado como o deve ser, dizendo desejar que cada português tivesse o espírito de um bom escoteiro, para engrandecimento da nossa Pátria.

Seguiu-se o Compromisso de Honra de um aspirante do 60, o José Manuel Vieira Salgueiro, recebido pelo Sr. Delegado da A. E. P., após curta prédica do Chefe do respectivo Grupo.

Depois, a finalizar a festa, teve lugar o Fogo de Conselho, simulado, por ser ainda dia e nos encontrarmos numa sala. O 6 e o 60 alternaram em canções escotistas alegres, joviais, traduzindo a boa disposição que em todos reinava.

Além do Sr. Sub-Delegado da Mocidade Portuguesa, que se fazia acompanhar de vários graduados com a Bandeira da M. P., assistiu um representante dos Bombeiros Voluntários locais e tivemos o prazer de ver a Esposa e a filhinha do nosso querido amigo Sr. Alfredo da Cruz Rodrigues, ambos activos dirigentes escotistas.

LOBO ALGARVIO

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

SUÉCIA

Lennart Bernadotte, neto do Rei Gustavo da Suécia, foi eleito Chefe Geral dos Escoteiros Suecos, no dia 13 de Novembro findo, em sucessão do seu primo, o extinto Conde Folke Bernadotte. Na mesma altura a viúva deste, condessa Estelle Bernadotte, recebeu o Lírio de Ouro, a mais alta distinção honorífica, do movimento escoteiro.

Spril
ARTIGOS DE SPORT E JOGOS
RUA DO LORETO, 34, 2.º
TELEFONE 2 2797
LISBOA

UMA VIAGEM AVENTUROSA

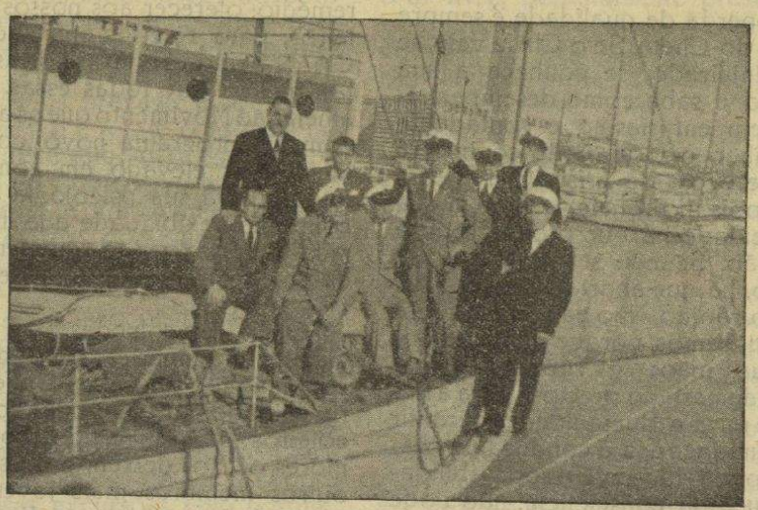
O pequeno iate "Bambi,, no Tejo

Possuir um pequeno iate — aí com 15,5 metros de comprido por 4 metros de largo —, à vela, mas com um motor de 28 H. P., para safar de atrapalhações em caso de temporal ou de calmaria; com um motor de 1,5 H. P. para produzir energia eléctrica, equipar bem o barquinho com rádio, cozinha, beliches, proporcionando todo o conforto possível na sua capacidade; juntarem-se seis rapazes bons amigos e partirem oceanos fora em busca de aventuras. Saltar nesta ilha, naquele continente, visitar este país, aquela colónia; tomar conhecimento dos costumes, da cultura, da língua de outros povos. Fazer amizades em todas as partes da terra, — eis um sonho que muitos rapazes portugueses devem ter acalentado. Não somos nós descendentes de navegadores, de grandes navegadores?...

Viajar através do mundo!... que belo sonho!... Mas é sonho. Todavia, este sonho está a ser vivido por seis rapazes finlandeses que se encontram no Tejo desde fins de Novembro último e estão prestes a levantar ferro a caminho do Norte de África. São eles: Lauri Koski, Aarne Roiha, Lars Normén, Paavo Kainulainen, Sakari Hiltunen e Arvo Nurmo. Koski e Normén são escoteiros do activo e apresentam-se uniformizados. Outros dois são escoteiros do ramo de «antigos-escoteiros» e os restantes dois são desportistas, amantes da vida ao ar livre.

Partiram de Helsínquia em 1 de Setembro passado, tocaram em Visby na Suécia, em Copenhague (Dinamarca), voltaram à Suécia a Helsingborg, tornaram à Dinamarca a Helsingor e Skagen, foram à Noruega a Krishansand, saltaram à Inglaterra a Dover e a Londres. Atravessaram a Mancha e vieram a Cherburgo, deram um salto a Paris. Vieram depois à Corunha onde estiveram quinze dias. Estão no Tejo e logo que o vento lhes seja favorável partirão para Casablanca, Madeira, Canárias, Porto Rico (Brasil), Haiti, Cuba, Florida, Nova Iorque e Havai... (o percurso pode ser alterado à medida das circunstâncias) e acabará na Austrália. No regresso tocarão na África do Sul e onde mais apetecer.

O «*Sempre Pronto*» visitou o «BAMBI» no dia 19 de Dezembro. Fomos recebidos gentilmente por Koski e Roiha que nos prestaram estes esclarecimentos e nos informaram que a sua viagem de turismo duraria cerca de dois anos. Falaram-nos com entusiasmo do seu barco, o seu fiel companheiro. O «BAMBI», apesar do seu tamanho, é cómodo. Pesa 16 toneladas brutas e 8 toneladas de casco. Roiha toca harmónio e mostra-nos satisfeito o seu instrumento — um belíssimo instrumento — de fabricação finlandesa.



A tripulação do «Bambi» acompanhada dos dirigentes do «*Sempre Pronto*»

Os simpáticos finlandeses têm sido muito visitados por escoteiros portugueses. No passado dia 30 de Novembro a Direcção dos Escoteiros de Portugal ofereceu-lhes um jantar.

Após a visita do «*Sempre Pronto*», o nosso Administrador ofereceu em sua casa um chá aos dois escoteiros que nos receberam ao qual assistiram o Director do nosso jornal, e pessoas de família de ambos. Obrigações de serviço a bordo impediram os outros membros da tripulação de assistir.

O Grupo Estrela inaugurou a sua nova sede

Sita na Rua da Esperança, 81, r/c, o Grupo Estrela inaugurou festivamente as novas instalações associativas, compostas de secretaria, salão de estar e de reuniões colectivas, vestiário, bar, posto médico, etc.

Para o efeito, constituiu uma Comissão de Honra e outra Executiva, fazendo parte da primeira o Sr. Eng.º Jorge Brotas Cardoso, Escoteiro-Chefe Geral da A. E. P.

As festas duraram de 2 a 5 de Dezembro p. p., e iniciaram-se com uma sessão comemorativa, em cuja Mesa se sentaram: aquele nosso Dirigente, que presidia, o Presidente da Federação Portuguesa de Campismo, Sr. Luís Ribeiro da Fonseca; o Sr. Cabral Rocha, representando o Posto Emissor Rádio Graça; o Sr. Augusto Montenegro, do Grupo Onomástico «Os Augustos de Portugal»; e o redactor do nosso Jornal e Presidente da Comissão Executiva das Comemorações Carlos Fernando Garcia.

O nosso camarada de trabalho iniciou a série de discursos saudando a Mesa e os presentes, e ao referir-se à presença do Escoteiro-Chefe Geral afirmou-lhe a certeza dum movimento de fraternidade entre escoteiros e campistas que o «Estrela» defenderá e divulgará.

Falaram todos os componentes da Mesa, tendo o Presidente da Federação Campista proferido uma bela palestra sobre o movimento campista em Inglaterra, França e Suíça, países que em missão oficial visitou recentemente.

Como fizesse parte do programa das festas uma noite dedicada aos Escoteiros de Portugal, compareceu na sede deste Clube, no dia 3, grande número de Escoteiros acompanhados dos Chefes Geral e da Região de Lisboa, além dos Chefes dos diversos Grupos.

Campistas e escoteiros confraternizaram, então, alegremente, proferindo uma interessante palestra sobre Escotismo o Sr. Eng.º Brotas Cardoso, comentando-a e agradecendo a presença dos Escoteiros, o Sr. Augusto Coutinho, do Grupo Estrela.

Os escoteiros percorreram com bastante interesse o Salão Volante de Fotografias Campistas, exposto na ocasião, bem como a exposição de miniaturas de tendas, depois do que se retiraram com a certeza de que uma maior amizade passará a unir as duas organizações culturais.

CARLOS FERNANDO GARCIA

Cumprimentos de Boas Festas ao "Sempre Pronto,,

Tiveram a gentileza de nos enviar cumprimentos de Boas Festas e votos para o Ano novo, que muito agradecemos e sinceramente retribuímos, aos nossos estimados amigos:

Srs. António Gomes Vidal, Daniel de Magalhães, Dr. Francisco Cortez Pinto, Luís Grau Tovar de Lemos, de Lisboa; Arnaldo Couto, de Gaia; Francisco Carreiras e João M. Godinho, do Entroncamento; Custódio António Quintas, de Olhão; Fernando Feliciano d'Oliveira Custódio, de Tavira; Georges Monteiro, de Coimbra; Aureliano Garrido Joya, de Granada; Juan Vilar e José Palou, de Barcelona; Gunnar Arholt, da Noruega, Manuel Francisco de Horta, de V. Real de S.to António; Dionísio Eleta Gonzalez, D. Loreto Azpeitia, Enrique Genovés, de Madrid; Emílio B. Belenguer, de Valência; Patrulha "Lobo Gris,,; Corpos Gerentes do Ateneu Comercial de Lisboa, Ottosgráfica, L.da, Casa das Cortiças, Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo, Scouts de Venezuela, e os Grupos n.os 2, 6, 9, 53, 77, 85, 91, 79 e 93.

É inconcebível que o Chefe seja um rapaz sem cultura escotista, mas seria desastroso que ele fosse um rapaz sem cultura.

J. PELLEGRIN

SESSÃO COMEMORATIVA do IV aniversário do "SEMPRE PRONTO,,

Nas salas do Ateneu Comercial de Lisboa realiza-se no próximo dia 22 do corrente, pelas 21,30 horas, uma Sessão Solene Comemorativa do IV aniversário do «SEMPRE PRONTO».

Fará uma conferência o Sr. Eng.º José Maria Nobre dos Santos, Vogal do Tribunal de Honra dos Escoteiros de Portugal.

O «SEMPRE PRONTO» convida todos os seus amigos a assistirem a esta sessão.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

QUADRO DE HONRA

Grupos que durante 1948 se distinguiram na colaboração ao «SEMPRE PRONTO», relacionados pela ordem do número de jornais a seu cargo:

Grupo n.º 94 — Lisboa
" " 52 — Angra do Heroísmo
" " 84 — Entroncamento
" " 6 — Olhão
" " 93 — Sintra
" " 60 — Vila Real de S.to António
" " 53 — Lisboa
" " 59 — Tavira
" " 5 — Lisboa
" " 79 — "
" " 91 — Gaia
" " 16 — Carcavelos
" " 15 — Porto

PREVENIR, MELHOR QUE REMEDIAR

Lendo a meu bom irmão David M. de Barros no seu acertado trabalho «A crise», publicado nestas páginas, voltei a pensar uma vez mais, nesse fenómeno que ele assinala, e do qual, é certo, não vimos até agora nenhum Grupo livrar-se. Mais tarde ou mais cedo, a crise chega; e parece que surge mais fàcilmente naqueles Grupos que, por começarem a sua vida de um modo pujante e ostensivo, nos haviam feito conceber risonhas esperanças.

A crise é fenómeno tão natural em todo o núcleo escotista, como o sarampo nos meninos. E à força de considerar natural o fenómeno, creio que lhe não prestamos a atenção devida, que não nos preocupamos verdadeiramente em investigar as suas causas, para prevenir, antes que remediar. Quando a crise chega, põem-se os meios para a combater, obtém-se êxito ou não, e assim fica a coisa.

Os raciocínios de David M. de Barros são acertados, e evidenciam que ele se tem preocupado em investigar o problema da crise. Eu quero completar as suas observações com o pobre caudal da minha experiência, unindo-me ao seu desejo de pôr um pontal mais, para afirmar a estrutura do nosso apreciado edifício escotista.

Um Grupo pode considerar-se em crise quando vê decrescer o número dos seus membros, ou a qualidade escotista dos mesmos.

A diminuição dos filiados é uma crise que não deve descuidar-se, porém, a sua importância é muito relativa, já que a missão específica do escotismo não é a de enquadrar rapazes e mais rapazes, com um lenço ao pescoço. Ao contrário, um Grupo que «se esfria» escotistamente, ainda que mantenha um contingente de membros numerosíssimo, é algo que deve preocupar-nos sèriamente a todos, porque para que serve um Grupo que não faz escoteiros? Eu preferirei sempre ter um escoteiro bom, que cem medíocres, e me apoio no seguinte raciocínio: não pode considerar-se fracassado o Chefe que tem a seu cargo só meia dúzia de escoteiros, se estes são capazes de pôr a Lis do seu emblema nos mais altos cumes da eficiência cívica; e, pelo contrário, de pouco pode orgulhar-se aquele Chefe que, como expoente da bondade do método de Baden-Powell, só pode exibir uma massa compacta de rapazes uniformizados, que pelo seu deficiente treino, desprestigiam a Lis escotista onde quer que se apresentem.

É pois importante a perda da qualidade, e não o é tanto a do número. Não obstante, o remédio será mais fácil para o primeiro caso do que para o segundo. É paradoxal, porém o mundo está cheio de contra-sensos. Também parece estranho que uma pulmonia dupla se cure hoje em 48 horas, e uma simples constipação, como diz o Dr. Marañon, dura 15 dias-se se trata bem, e dura duas semanas se não se faz nenhum caso dela.

A perda de qualidade é sempre culpa do Chefe. Se o Chefe vale, se está inteirado, se conhece a sua missão e sabe como desempenhá-la, tem entusiasmo e vontade de trabalhar, o Grupo não conhecerá esta espécie de crise. O remédio está pois no Chefe, e para a sua capacidade há que prestar toda a atenção. Se não serve para o seu cargo, há que apartá-lo dele de um modo rápido. Não cabem aqui sentimentalismos, porque o que pomos em suas mãos—os rapazes—é matéria demasiado preciosa para a Pátria e para a Humanidade; permitir que um incapaz a conduza por caminhos duvidosos, é responsabilidade que, em consciência, não pode pesar sobre o Movimento Escotista. Se o Chefe vale e não está em forma, só tem uma solução ditada pelo próprio Baden-Powell; voltar às fontes de origem e «dar a si próprio um novo banho de Escotismo» para renovar os seus conhecimentos, e com ideias claras e precisas reiniciar a rota com novos brios. Os resultados não se farão esperar.

É certo que a crise numérica é um fenómeno natural, e, ante a sua presença, o Chefe deve actuar como aconselha sàbiamente David M. de Barros. Porém, não poderíamos prevenir a aparição desta crise? Sabemos porque surge: rapazes que por circunstâncias familiares, de estudo, trabalho ou residência, nos deixam para sempre. Outros partem envoltos nos primeiros escarcéus amorosos. Alguns seduzidos pelo futebol, pelo ambiente do cinema e do bar, ou coisas desta ordem. Também os há que ao ter de cumprir os seus deveres militares se afastam definitivamente de nós.

Creio que tais baixas não devem preocupar-nos demasiado. Os que nos deixam por dificuldades alheias à sua vontade, só são baixas materiais, já que em espírito sempre serão Escoteiros e são eles os primeiros a lamentar a dificuldade que lhes impede a vida activa num Grupo. Os outros, os que se vão embora porque querem, constituem esses tantos por cento negativos que se dá em todo o sistema educativo, e há que levá-lo à conta de perdas.

Vistas as causas, deduz-se claramente que a crise desta espécie surge no Grupo quando os rapazes penetram nessa idade compreendida entre os 17 e os 20 anos. É a a idade crítica, essa idade que fez pensar a Baden-Powell na conveniência de oferecer aos rapazes um programa mais sugestivo para a sua idade que o programa Escoteiro. E nasceu o *Roverismo* com a missão de «ajudar o rapaz nesse momento em que, nas portas da idade adulta, trata de achar-se a si mesmo». Eis aqui pois apontado um remédio: oferecer aos nossos Escoteiros, para retê-los entre nós, um Clã de Seniores com as portas abertas, melhor que todas essas coisas alheias ao Movimento que os atraem, com um programa novo, com um ideal mais elevado em conformidade com a sua psicologia actual, com uma flexibilidade que lhe permita desenvolver-se independente, dentro da fraternidade do escotismo sénior.

Outra das soluções para prevenir a crise numérica, é assegurar a continuidade do Grupo, o necessário cuidado para que, quando os Escoteiros forem investidos como seniores ou nos deixem para sempre. outros membros mais jovens vão cobrindo as suas vagas. E a continuidade do Grupo só pode assegurá-la uma potente Alcateia de Lobitos. «Lobo Gris», o Escoteiro-Chefe Espanhol falecido, disse há anos que «não há Grupo sem Lobitos». A afirmação categórica é exacta. E, todavia, há muitos Grupos nos quais não se cuida de ter Lobitos, de atrair a esses pequenos meninos que são a melhor esperança do futuro escotista.

Possìvelmente não são estes os únicos meios que podem pôr-se em prática para prevenir as crises nos Grupos, e também é possível que exista algum tipo de crise não exposta por David M. de Barros ou por mim. Será pois muito interessante investigar, esmiuçar o problema, experimentar as soluções do mesmo, e logo difundir as experiências obtidas para que sirvam de exemplo aos demais, e sejamos capazes de prevenir a ter que remediar.

ENRIQUE GENOVÉS
OJO DE LINCE

O Escotismo na Capital

GRUPO N.º 79

Apesar do mau tempo, realizou este Grupo, no dia 11 de Dezembro p. p., a sua tradicional festa dedicada não só às mães dos seus escoteiros, mas a todas as mães que compareçam, e em homenagem às mães de todo o mundo, tendo sido servido um chá oferecido pelos escoteiros do Grupo, e por eles feito e servido às mães presentes. Apesar da pouca assistência esta manifestação decorreu num ambiente de grande fraternidade.

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

3.º Conhecer os perigos a que, tanto as árvores como as madeiras, estão expostas, por exemplo: fogo, neve, insectos, doenças e animais.

Pois bem, irmão Escoteiro, continuaremos hoje a falar das árvores no aspecto importante que se refere aos perigos que a ameaçam, e meios de os prevenir e combater. Esta questão é a que com mais interesse deve estudar quem aspire à insígnia de Prático Florestal.

O fogo é um inimigo terrível para a árvore, pois que, se a chama pega no bosque, em poucas horas fica destruído o trabalho de muitos anos. Não obstante, apesar de todos sabermos isto, a grande maioria dos incêndios que se produzem no reino vegetal, são devidos às imprudências ou descuidos dos homens. Daí o meticuloso cuidado que temos de ter quando, nas nossas excursões pelo bosque, nos vejamos necessitados de acender lume. Temos que procurar o local mais livre de árvores, e limpar cuidadosamente o solo de ervas, folhas, etc., até ficar só a terra, para evitar que por esse restolho vegetal possa propagar-se o fogo da nossa fornalha. A fornalha ou fogueira prepara-se de acordo com qualquer dos modelos que todos conheceis, e rodeia-se de pedras que quebrem a força do vento, impedindo assim o saltar perigoso das faúlhas. E, nem é preciso dizer, que quando terminemos os nossos cozinhados, o lume será apagado conscienciosamente, e coberto com terra e pedras. Nunca um Escoteiro espalhará as cinzas ou abandonará as brasas, com a esperança de que o tempo as apague.

Apesar de que sem acender fogueiras o homem provoca incêndios no bosque. Um cigarro por apagar que se deita fora sem se ver onde cai; o fósforo com que se acendeu o cigarro e que ao cair no solo não se apagou; os bocados de vidro de uma garrafa que se partiu, e são deixados no chão, e que, ao serem atravessados pelos raios solares, concentram o eixo destes e actuando como uma lente, provocam o fogo; faróis ou lanternas portáteis que não são manejados com precaução ou que o vento derruba; e assim tantas outras coisas, que em mãos de homens descuidados podem provocar a catástrofe.

É bastante frequente a instalação dum sistema de iluminação eléctrica nos acampamentos. Deve ter-se muito cuidado com o estender dos fios para evitar curto-circuitos que podem provocar o fogo nas árvores às quais, geralmente, se prendem os cabos. Estes devem estar bem esticados e suficientemente separados para que o vento não os entrecruze. Deve empregar-se os cabos com protecção especial para o ar livre, perfeitamente presos a isoladores de porcelana. As junções cobrir-se-ão bem, e os suportes serão também protegidos do tempo. Em postes convenientes colocam-se os fusíveis precisos para assegurar o corte da corrente se se produz algo de anormal na instalação, e assim poderemos estar tranquilos por termos utilizado os meios para evitar o possível fogo.

Também algumas vezes, e especialmente no verão, o fogo produz-se expontâneamente no bosque, sem intervenção humana. Dois ramos, que se friccionam, movidos pelo vento, a resina dum tronco velho que aquece excessivamente e mais causas deste estilo, podem fazer surgir a chama que abrasará o bosque.

Há homens descuidados que podem causar um incêndio, mas também há homens que constantemente têm o cuidado de tomar as precauções necessárias para isolar o mal se este se produz. Nas tuas excursões pelo bosque terás visto que depressa toda a vegetação desaparece; por isso, o bosque, se encontra cortado por uma larga avenida de terreno limpo, de 10 a 20 metros de largura. Essas alas que dividem o bosque em parcelas, são os corta-fogos mantidos pelos serviços florestais, para localizar os efeitos destruidores das chamas se um incêndio rebenta na floresta. E a potência das chamas, atiçadas por um vento favorável, alcança tal grandeza, que só opondo-se ao seu avanço um terreno limpo, desprovido de vegetação onde o fogo, alimentando-se, possa prosseguir, é quase sempre a única maneira de cortar o seu avanço destruidor.

Em presença dum incêndio temos que proceder com a máxima energia e rapidez. Se da vossa cozinha salta uma faúlha e pega num restolho próximo, tomai ràpidamente uns ramos verdes e golpeai com eles esse pequeno fogo que principia, até o apagar completamente. Isolai-o se for preciso, cubri-o com terra se puderdes, apagai-o com água, tapai-o com uma manta. Fazei o quer que seja para cortar pela raiz isso que pode ser um incêndio devorador, o quer que seja, menos fugir.

Se o fogo for de grandes proporções, é preciso reunir o esforço de muitos homens munidos de machados, pás e material de extensão se for possível. Constituem-se grupos que se estabelecem nos corta-fogos para vigiar aquelas chispas ou tições incendiados que as árvores ao estalar arremeçam, que podem provocar o fogo nas partes ainda não atingidas. O resto do pessoal dedica-se ao corte de árvores na zona sinistrada, partindo do corta-fogos, estendendo assim a zona de segurança, e aproveitando a madeira não atingida ainda pelas chamas.

Se não existirem corta-fogos, temos que proceder ao corte de árvores e matos para criar uma zona nua que corte o avanço do fogo, tendo em conta, para determinar o ponto onde se vai estabelecer essa zona, a rapidez com que o fogo avança, a fim de ter tempo para realizar o trabalho. Ou seja, que de antemão se dá por perdida uma zona que supomos não poder salvar, e todos os esforços se encaminham para a limitar o mais possível, e para o aproveitamento da madeira.

O fogo destrói as árvores, mas há outros elementos que também as prejudicam. O frio, em forma de geada e gelo. As baixas temperaturas que extemporâneamente se produzem quando já a seiva está em movimento, «queimam» os botões tenros, destruindo-os; secam, enegrecem e por fim caem no solo.

As árvores que na estação fria amadurecem os frutos, vêem destruída toda a sua colheita, ou parte dela, pelas bruscas geadas. Talvez seja a laranja a mais afectada pelas contínuas mudanças de temperatura, e é raro o ano em que não se perdem centenares de toneladas deste apreciável fruto invernal.

Para prevenir em parte estes efeitos destruidores, a única coisa que o homem pode fazer é manter as terras em sazão, regando-as em tempo oportuno, e quando se trata de plantações jovens, abrigar cada árvore, cobrindo-a com esteiras de palha. Claro que poderiam cobrir-se as árvores grandes com toldos, mas seria dificílimo abrigar assim uma plantação medianamente extensa.

A parte lenhosa da árvore também é afectada pelas geadas, dando estas lugar a que se produzam falhas na constituição orgânica da madeira, que lhe tiram o valor comercial. Assim, observa-se em alguns troncos uma falha exterior, circular, parcial ou completa, o que demonstra que duas camadas anuais não se soldaram entre si no momento da sua formação, por causa do frio. Também vemos uma

(Conclui na 10.ª página)

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

(Conclusão da 9.ª página)

greta, que, partindo do centro do tronco, chega ao exterior, seccionando-o incompletamente, podendo encontrar-se uma ou mais fendas no mesmo tronco. As fortes geadas congelam a seiva, e esta ao aumentar de volume, por tal motivo, actua como as cunhas que se utilizam para rachar os troncos.

Pouco ou nada se pode fazer para evitar isto, salvo no que respeita aos bosques serem suficientemente espessos e estarem bem orientados para o sul, para aproveitar o máximo do calor solar.

Na árvore morta, isto é, na madeira empregada como postes, tectos muito altos, portas, etc., evitam-se os acidentes por frio e humidade, pintando a madeira com mínio, alcatrão, carbolíneo, ou outra matéria impermeável apropriada.

Noutro dia falaremos, irmão Escoteiro, das doenças da árvore e dos perigos que para ela representam os insectos e animais. Entretanto, não esqueças que tudo o que aqui dissemos de pouco te servirá se não o estudares pessoalmente por observação directa da Natureza.

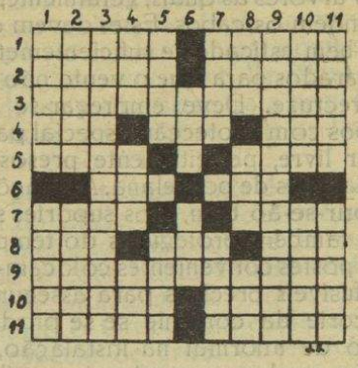
RAFAEL PALACIAL
PICO DE AGUILA

Tradução do Espanhol de Lídia de Medeiros.

PASSATEMPO

Por JOSÉ SEQUEIRA

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais: 1 — Arrancar; gostara. 2 — Receba; sarrafos. 3 — Imprimira pelos processos litográficos. 4 — Liga; parte do corpo humano (inv.); grande porção. 5 — Árida; ora. 6 — Lírio; despida (inv.). 7 — Cantiga; unir. 8 — Porcos; liga; pedra do altar. 9 — Modelaras novamente. 10 — Fragrância; lavrado. 11 — Casa opulenta; «flores».

Verticais: 1 — Compartimento duma casa (plural); missiva (inv.). 2 — Toque apito; ratara. 3 — Catástrofes. 4 — Anel; camareira; senhor (inv.). 5 — Sulco; nome de homem. 6 — Batráquios; ligue. 7 — Lavram; içar. 8 — Termo (inv.); via; anel. 9 — Ligaras por parentesco. 10 — Que não são vulgares; lavrada. 11 — Alara; planos.

ATENÇÃO

Será sorteado um livro entre todos os concorrentes que acertarem na solução deste problema.

LIVROS

Prosseguindo a notável acção doutrinária da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, o Sr. Dr. Mário Gonçalves Viana fez em Abril de 1947, no Porto, uma brilhante conferência que se intitulou «O Problema Agrícola Português, considerado à luz da Psicologia, da Pedagogia e da Sociologia», tendo focado com o seu reconhecido talento alguns problemas ligados à agricultura portuguesa, subordinados aos seguintes tópicos:

Será Portugal um país agrícola?—A necessidade de uma «consciência rural».—A lição da História.—As leis de protecção à agricultura e o seu insucesso.—A reforma imprescindível da mentalidade portuguesa.—A necessidade de um escol agrícola.—A lição da psicologia.—O problema pedagógico: o ensino rural e o ensino agrícola.—O que há a tentar.— Os perigos da flora presente. — A guerra entre a cidade e o campo. — O caminho do resgate.

A Liga de Profilaxia, no elevado intuito de colocar o interessante trabalho ao alcance de todos que não tiveram ensejo de escutar o Sr. Dr. Gonçalves Viana, acaba de o imprimir em interessante opúsculo, que vende ao módico preço de Esc. 5$00. Recomendamos a sua leitura pois contém matéria de grande oportunidade, versada com a análise meticulosa e bem documentada que estamos habituados a encontrar no seu ilustre autor.

Agradecemos o exemplar oferecido.

SODA PÓVOA

A Administração desta importante Empresa fabril, a quem solicitámos publicidade para o presente número comemorativo do nosso jornal, não podendo atender o nosso pedido por não fazer publicidade em tais circunstâncias, teve mais uma vez a atitude gentil de nos manifestar a sua simpatia colocando à nossa disposição a importância de 160$00 correspondentes a um anúncio. Agradecemos reconhecidos.

N.º 14 — Janeiro de 1949

O Mistério da Ilha Deserta

Folhetim do «Sempre Pronto» — Por R. K. E.

Dada a voz de cessar e descansar, o Guia abriu a sua Bíblia e leu em voz alta e modelada o Salmo 23: — O Senhor é o meu pastor: nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas...

...Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque Tu estás comigo; a Tua vara e o Teu cajado me consolam.

Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos...

Terminada a leitura do salmo as lágrimas saltavam traiçoeiramente dos olhos dos bravos rapazes e o silêncio deixava ouvir perfeitamente o cantar dos passarinhos, que, naquela agradável manhã de primavera, pareciam querer louvar os escoteiros.

O Guia da Patrulha Cão elevou então uma prece ao Altíssimo agradecendo as bênçãos que tinha derramado sobre todos e a salvação que tinha trazido aos seus irmãos da Tigre.

Terminada a cerimónia o Guia deu as instruções para o dia:

— Não sabemos quanto tempo aqui estaremos. Aguardamos ordens do nosso Chefe, mas é possível que nos tenhamos de retirar, visto que as nossas famílias, logo que sejam conhecedoras destes acontecimentos, ficarão ansiosas por nos verem. Entretanto, vamos tratar da vida de campo. Podem destroçar e tu Rui, podes ir preparar o Nescau.

— Vamos a ele e então que estou com apetite!...

O regresso à cidade

Pouco passava do meio dia quando o Chefe surgiu no acampamento. O Guia mandou reunir e o Chefe informou que a pedido do Comando da Polícia o Grupo devia regressar imediatamente à cidade, a fim de prestar declarações. Podia já informar que a quadrilha descoberta era, afinal, aquela de que se suspeitava e, em face de documentos descobertos no covil da Ilha Deserta, estavam já a ser procurados os restantes componentes e sendo efectuadas prisões em mais do que um país da Europa e da América. Graças à bravura e inteligência dos rapazes da Tigre tinha sido possível descobrir malfeitores que vinham pondo em sobressalto toda a navegação, pois os bandidos operavam especialmente a bordo dos grandes transatlânticos.

— Chega a causar espanto como é possível desarmar um acampamento em tão pouco tempo—, diria daí a pouco o chefe do destacamento da polícia que estava ao longe a examinar a azáfama dos escoteiros e se vinha aproximando.

De facto em poucos minutos o acampamento estava desarmado e o material pronto a embarcar.

As patrulhas formaram, foi descida a bandeira nacional com as honras habituais, e o Chefe mandou retirar. A primeira coisa a transportar até à praia foi o barco. Agora a tarefa era mais fácil havia mais pessoal e não tardou que a canoa balouçasse nas águas tranquilas do oceano.

Voltaram ao campo, dividiram entre si os malotes, e dentro de pouco mais de meia hora a «Tigre» saltava para a canoa, estando já a «Cão» alojada na lancha da Polícia. Julgava a rapaziada da primeira que ia remar, mas o piloto da lancha a motor é que não consentiu. — Não senhor, vocês são rebocados. Para canseira já basta!

A ideia era boa e a rapaziada aceitou de boa vontade. Foi com alegria que a viagem foi feita. Os gritos e as canções sucediam-se em disputa entre as duas patrulhas e em breve foi alcançada a costa. Quando os escoteiros olharam para terra ficaram perplexos. Uma enorme multidão comprimia-se no cais e ouviam-se distintos vivas. — «Mas aquilo é com a gente?» perguntou o Júlio boquiaberto.—«É mesmo!» - disse o Pedro.

Entretanto os vivas repetiam-se. Subiam foguetes ao ar e a banda local tocava o hino dos escoteiros. Mal os rapazes saltaram em terra a multidão pegou neles aos ombros e conduziu-os em triunfo ao edifício da Câmara onde o seu Presidente apresentou as homenagens do povo da cidade aos escoteiros, traçando o elogio do seu heroísmo e concluindo:—«Se o Escotismo é capaz de forjar heróis como os rapazes da Patrulha Tigre, merece que todos os nossos filhos enverguem tão prestimosa farda». E a partir daquela hora os grupos de escoteiros se multiplicaram na cidade, e todos os dias havia para contar uma nova Boa Acção, um novo acto de generosidade ou bravura dos cavaleiros da Flor-de-Lis.

FIM



"PIKY,,

À procura da rosa alpina

Terras de trabalho, terras escuras e fecundas de lavoura, por baixo dos altos e nevados píncaros da serra. A primavera chegou, esverdeada brilhante e esplendente pelo céu, pelos campos... Até no vento a sente «Piky»; até no vento.

* * *

O Bando de Lobitos, com o Velho Lobo à frente, vai marcando um alegre caminho pelas abruptas e severas veredas serranas. Já faz um dia, com a sua noite estrelada, cheia e luminosa, que deixaram para trás o vale, onde as tendas brancas do acampamento, formam círculo em redor do mastro, em que tremula ao vento a bandeira; como uma promessa. Um dia, em que, valentes e esforçados, caminham atrás do Velho Lobo, à procura duma flor. Uma flor ao que parece maravilhosa, da qual se lhes falou junto às chamas vermelhas do fogo do acampamento, e a qual eles mesmos pedem para ir buscar.

Uma flor: a rosa alpina que vive entre os seiscentos e os mil e setecentos metros de altura...

* * *

«Piky» leu-o nos livros «...metros de altura». E assim o vai explicando ao seu companheiro mais próximo.—Quando a manhã fosse em meio, teriam alcançados os domínios da flor. Não importa que não estejam nos Alpes; basta que a montanha tenha «os metros» necessários.—E «Piky» segue ufano a sua marcha, contagiando com a sua sã alegria todo o Bando. Sòmente o Velho Lobo, é que põe um matiz de fingida alegria nos seus risos.

—Deveras, rapazes? Estais todos seguros de a encontrar?

Pois claro que estão! Além disso, no fim de contas, tudo se resumirá em voltar ao acampamento com outros géneros de flores e plantas montanhesas. O facto em si, é que eles, os lobitos, têm caminhado atrás do seu Velho Lobo à procura da rosa alpina; a rosa alpina que vive entre os seiscentos e os mil e setecentos metros de altura ..

* * *

Ficaram para trás os pinheiros altos e direitos, e começaram a tornar-se mais claras as fileiras apertadas do escuro exército de abetos que lhes saíra ao caminho. Nas partes sombrias, os seus pés caminham sobre a neve, e nas rochas soalhentas, amplamente escalvadas, o vento é fino e cortante; quase como se fora água fria que se pudesse beber. A cúpula do céu é azul. Intensamente azul, como uma turquesa gigantesca, sobre a qual se projectassem serenas e potentes as asas brilhantes duma águia real.

Os Lobitos tiraram as suas lupas, e os seus cadernos de botânica... Também o Velho Lobo se afadiga: aqui, é uma prudente observação; mais adiante, é uma bela e poética lição herbática, enquanto nas suas mãos se afaga, persistente e doce, o aroma duma florinha delicada.

«Piky», anda pensativo e afastado do Bando. Toda a beleza da montanha se lhe introduz na alma e lhe faz sentir o desejo imperativo de encontrar a flor. A sua flor, a que, ao que parece, os companheiros começam a esquecer. Em vão a voz amável do Velho Lobo o anima.

—Vamos «Piky»! Já te disse que era muito difícil de encontrar. O mais provável é que voltemos sem ela...

Mas «Piky», mantém o seu caderno em branco, enquanto os do resto do Bando se enchem do perfume intenso de mil e uma maravilhosas flores e plantas da montanha.

* * *

Surge o Sol doirado e esplendoroso. Dentro duma hora, abandonarão as alturas, e voltarão de novo ao vale; ao acampamento...

«Piky», junto às rochas onde nasce a gelada fontezinha, contempla o seu caderno em branco; vazio. A manhã também é branca, e o céu está límpido e sereno. De repente, «Piky» levanta os olhos, e vê—a estremecida, entre o verdor dum terno ramo que se abraça à rocha. Mais que vê-la, pressente-a. Ali está ela; a rainha, a sua flor... As mãozitas de «Piky», afastam cuidadosas uma folhinha que parece querer ocultá-la, e ante os seus olhos maravilhados, surge a graça puríssima da flor, recortando-se sob o infinito azul do céu.

É de um cor de rosa incendiado, e tem quatro pétalas brilhantes e preciosas. «Piky» contempla-a enamorado, enquanto prepara cuidadosamente a navalhinha. Mas quando se aproxima dela, uma brisa subtil faz tremer docemente a flor. A rosa alpina treme; e «Piky», ao contemplá-la tão formosa, fecha a navalhinha suspirando.

—Não, rosa alpina. Não te cortarei. Continua vivendo nas tuas montanhas; ao pé da fontezinha gelada — disse «Piky», enquando enviando um beijo à flor com a ponta rosada dos seus dedinhos, empreende a marcha para o Bando que já começa a agrupar-se disposto para o regresso.

* * *

O branco acampamento recebe os seus intrépidos excursionistas.

Risos, risos, risos... Senhor, e que bem riem os Lobitos!

«Tody» aproxima-se ansioso de «Piky». «Tody» já tem — até que enfim!— a sua insígnia de Lobito, e— até que enfim!— está a tomar, pela primeira vez, parte dum acampamento. —Trá-la «Piky»? Trá-la!

—Não «a» trago; mas vi-a.

Velho Lobo que os escuta aproxima-se.—Isso é verdade «Piky»?

—Sim; sim é verdade. Vi-a, e não quis cortá-la. Vi-a, e não quis dizer nada, para que ninguém tivesse a tentação de... matá-la.

Velho Lobo acaricia os cabelos escuros de «Piky.—E como era «Piky»?

—Como uma jóia que tivesse quatro pétalas... como uma flor!

Entretando «Tody» mete entre as folhas brancas e vazias do caderno do seu amigo, o corpozinho verde e brilhante do insecto que apanhou naquela mesma manhã.—Para que «Piky» se console.—pensa, enquanto o introduz entre as páginas do caderninho.

LORETO AZPEITIA Y LOPEZ DE AYALA

Trad. do Espanhol de *Lídia de Medeiros.*

MANUEL DE SOUSA COELHO

Uma iniciativa simpática

Os colegas de trabalho do falecido escoteiro Manuel de Sousa Coelho, tomaram a iniciativa de abrir, entre os seus amigos, uma subscrição a favor da Mãe daquele nosso saudoso camarada, de quem o filho era o único amparo, atitude que muito os dignifica.

Alguns escoteiros, conhecedores do facto, têm acorrido à Tabacaria do Café Suíço a dar a sua contribuição e, estamos certos, divulgada a notícia muitos outros ali vão comparecer, manifestando assim a sua homenagem ao falecido e dedicado Escoteiro.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

Capital realizado.... 80.000.000$00
Fundos de reserva .. 84.500.000$00

SEDE EM LISBOA

Dependências urbanas:

Alcântara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis, Benfica, Praça do Brasil, Praça Duque de Saldanha, Praça do Chile.

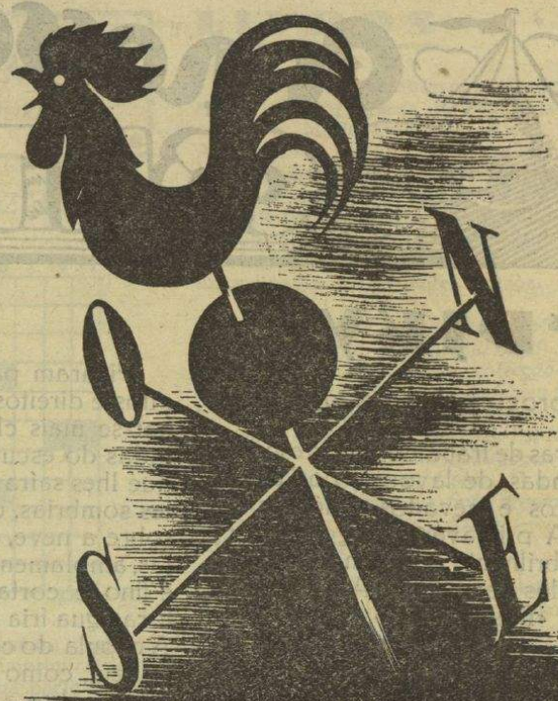
Filiais:

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Covilhã e Ponta Delgada.

Agências:

Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortosendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão, Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho, Montijo, Vila Franca de Xira e Montemor-o-Novo.

Todas as operações bancárias



2085

DE NORTE A SUL DE PORTUGAL
TÔDA A GENTE CONHECE E APRECIA OS ARTIGOS
VACUUM



Há-de sair! . . .

Se calhar não sai... O que sai sempre sem o menor esforço, **são quaisquer nódoas renitentes,** quando contra elas se emprega o radicalíssimo.

CASULO LIMPA-FATOS

excelente fórmula de 6 substâncias químicas inofensivas infalíveis contra o LUSTRO, as NÓDOAS e o MAU CHEIRO. Torna os fatos como novos e mais duráveis. Cada pacote custa apenas 2$50 e dá para 1 litro de soluto. Em todas as Drogarias do País. REJEITAR AS IMITAÇÕES, algumas com o nome de «LIMPA-FATOS» para estabelecer a confusão, mas que não têm nem podem ter a composição do verdadeiro CASULO LIMPA-PATOS.



ÚNICOS FABRICANTES
Sociedade Portuguesa de Sabões, L.da
Rua dos Lusíadas, 29 — LISBOA — Telef. 3 8232

LÂMPADAS **LUMIAR**

MOTORES **ENAE**

Empresa Nacional de Aparelhagem Eléctrica

Avenida 24 de Julho, 158

TELEFONES 6 2177/78

= LISBOA =